



GUERRA NO LESTE EUROPEU / Autoridades começam a exumar 450 corpos enterrados na cidade de Izyum, perto de Kharkiv, e relatam que alguns dos mortos tiveram as mãos amarradas. Ocidente reage com indignação. Prefeito fala ao **Correio**

Ucrânia vê indícios de tortura em cova coletiva

» RODRIGO CRAVEIRO

Especialistas ucranianos em medicina legal começaram, ontem, a exumação de 450 corpos que teriam sido encontrados em uma floresta de pinheiros de Izyum, cidade situada a 120km de Kharkiv, no nordeste da Ucrânia. O presidente do país, Volodymyr Zelensky, disse que centenas de jornalistas testemunharam o trabalho dos legistas ao desenterrar os cadáveres sepultados nas covas coletivas. “Hoje, o mundo deve ver o que o Exército russo deixou para trás. Outra fossa comum com pessoas assassinadas. Crianças e adultos, civis e militares. Torturados, executados a tiros, mortos por bombardeios”, declarou, em vídeo transmitido pela internet. “Uma família inteira está enterrada ali: pai, mãe e filha. Mais de 400 túmulos estão na floresta perto de Izyum”, acrescentou.

Izyum ficou seis meses em poder das forças russas e foi libertada em uma contraofensiva ucraniana recente. “Ainda não sabemos quantos corpos estão lá, pois a exumação apenas teve início. Hoje, recebemos evidências de mais atrocidades cometidas durante a ocupação russa. Encontramos o corpo de uma pessoa, estrangulada com uma corda ao redor do pescoço. Cadáveres com braços fraturados e outros sinais de abusos. Uma cova coletiva com soldados assassinados, 17 corpos. Alguns deles com indícios óbvios de tortura”, afirmou Zelensky, ao denunciar um exército de “assassinos” e “torturadores”.

“Vimos Bucha, vimos Mariupol. Agora, Izyum. Quanto tempo mais isso pode durar?”, questionou o presidente. Ele exortou a comunidade internacional a considerar a Rússia um Estado patrocinador do terrorismo. Em entrevista ao **Correio**, o prefeito de Izyum, Valery Marchenko, denunciou um “genocídio do povo ucraniano” e classificou como “terror brutal e sangrento” o que ocorreu na cidade que administra há sete anos (**leia ao lado**).

O chefe da polícia ucraniana,

Sergey Bobok/AFP



Peritos forenses cavam na floresta, na periferia de Izyum: túmulos sem identificação e marcados com cruzes

Igor Klimenko, também anunciou que as autoridades encontraram dez supostos “centros de tortura” na região de Kharkiv, dois deles na cidade de Bakliya. Por meio do aplicativo de mensagens Telegram, o Defensor do Povo ucraniano, Dmiro Loubinets, estimou em mais de mil cidadãos ucranianos “torturados e assassinados nos territórios libertados”.

Reação

A comunidade internacional reagiu com indignação à descoberta das covas. “Os relatos de um túmulo coletivo com 450 homens, mulheres e crianças em Izyum, na Ucrânia, são de partir o coração e deveriam galvanizar nosso apoio aos bravos ucranianos que buscam libertar sua pátria. Nós estamos com a Ucrânia na busca da responsabilização por esses crimes”, declarou o

secretário de Estado norte-americano, Antony Blinken. O presidente da França, Emmanuel Macron, disse que condena “nos mais fortes termos possíveis as atrocidades” em Izyum. “Os autores serão responsabilizados por suas ações. Não há paz sem justiça”, escreveu no Twitter.

A União Europeia (UE) externou “profunda consternação” pelas “atrocidades”. O chefe da diplomacia do bloco, Josep Borrell, destacou que “este comportamento desumano das forças russas (...) deve cessar imediatamente”. O Alto Comissariado da ONU para os Direitos Humanos defendeu o envio de peritos para “determinar as circunstâncias da morte dessas pessoas”.

A deputada ucraniana Inna Sovsun, vice-presidente da Faculdade de Economia de Kiev, contou ao **Correio** que, quando viu a foto da cova coletiva em Izyum, lembrou-se de Bucha.

“Naquele momento, não poderíamos imaginar que tal coisa fosse possível. Mas vimos os corpos. Centenas. Cadáveres de civis, crianças com as mãos atadas, mulheres. O massacre de Bucha não foi um caso isolado, mas uma política proposital de extermínio de ucranianos”, disse.

De acordo com Sovsun, a descoberta perto de Izyum é “prova dessa política de genocídio”. “Acharmos covas similares em todos os territórios liberados”, acrescentou a parlamentar. Durante cúpula no Uzbequistão, o presidente da Rússia, Vladimir Putin, foi pressionado pelo colega turco, Recep Tayyip Erdogan, a encerrar o conflito “o quanto antes”. O premiê indiano, Narendra Modi, repetiu o líder chinês, Xi Jinping, e mostrou preocupação com a guerra. Putin tornou a se reunir com Xi e assegurou que deseja pôr fim à invasão “o mais rápido possível”, mas avisou: “Não temos pressa”.

ENTREVISTA / Valery Marchenko

“A maior parte das sepulturas nem sequer tem um nome”

Desde 2015, Valery Marchenko, 52 anos, ocupa o cargo de prefeito de Izyum. Por meio do WhatsApp e em ucraniano, ele deu ao **Correio** detalhes sobre a cova coletiva encontrada

em uma região de mata fechada e denunciou “um terror brutal e sangrento”. “Esse é um genocídio do povo ucraniano!”, afirmou. O prefeito culpou a Rússia pelos “crimes”.

O que o senhor pode dizer sobre a cova coletiva encontrada em sua cidade?

Infelizmente, Izyum esteve sob ocupação temporária por quase seis meses. Por isso, a escala dos crimes de guerra dos ocupantes russos é maior do que a conhecida por nós nas cidades de Bucha e de Irpin. Uma cova coletiva foi encontrada na floresta, na Rua Shakespeare. Descobrimos centenas de cruzes, identificadas sem nomes e com apenas números. Após exames, os corpos serão sepultados com o devido respeito.

Quantos corpos foram descobertos no local e como essas pessoas morreram?

Até o momento, 450 corpos de civis com indícios de morte violenta e de tortura foram descobertos. É difícil imaginar algo em pleno século 21. A maior parte das sepulturas nem sequer tem nomes sobre elas. Há apenas uma marca com um número. Entre os corpos que exumamos na sexta-feira, 99% apresentavam sinais de morte violenta. Como afirmou o governador de Kharkiv, Oleg Syneghubov, há vários corpos com as mãos amarradas atrás das costas. É óbvio que essas pessoas foram torturadas e executadas. Também há crianças entre os civis enterrados.

O que o senhor teria a dizer sobre o que ocorreu em Izyum?

A escala dos crimes cometidos pelos ocupantes em Izyum é enorme. Isso foi um terror brutal

Sergey Bobok/AFP



e sangrento. Esse é um genocídio do povo ucraniano! Todos aqueles culpados dessas atrocidades devem ser punidos. Contamos com parceiros internacionais para nos ajudarem a trazer cada criminoso de guerra à Justiça. Nós esperamos que a Ucrânia, e toda a comunidade civilizada, façam o necessário para assegurar que a Rússia nunca volte a ser capaz de cometer terrorismo e de matar pessoas com impunidade. As agências de aplicação da lei realizam todas as ações investigativas necessárias para estabelecer as violações dos direitos humanos. Defenderemos os interesses dos cidadãos e ajudaremos todos a obterem a justiça.

Quantas pessoas vivem em Izyum e de que modo elas têm lidado com essa guerra?

Cerca de 10 mil pessoas estão na cidade. A maioria delas precisa não apenas de ajuda humanitária e material, mas também moral e psicológica. Faremos todos os esforços para auxiliá-las a se recuperarem, o mais breve possível, do horror ao qual foram forçadas a experimentar durante a ocupação russa de Izyum. (RC)

Conexão diplomática



por Silvio Queiroz
silvioqueiroz.df@gmail.com

Fôlego suspenso até 2 de outubro

A duas semanas do primeiro turno, a eleição presidencial no Brasil vai preenchendo a tela dos radares em centros de decisão pelo mundo afora, particularmente nas proximidades. Embora com presença ainda discreta na mídia, a expectativa por saber quem governar a partir de janeiro a principal economia da América Latina cresce entre observadores, agentes econômicos e formuladores de políticas — de Washington a Buenos Aires.

Com a disputa cristalizada entre o presidente Jair Bolsonaro e o ex-presidente Lula, sem espaço para surpresas de última hora, o primeiro foco de atenção é a possibilidade de que tudo se defina em 2 de outubro. Nesse caso, a julgar pelas tendências traçadas nas pesquisas, a etapa seguinte seria a transição para o retorno do PT ao Planalto e à Esplanada — especialmente, ao Itamaraty.

Se a decisão for ao segundo turno, desenham-se nuvens de preocupação por um segundo turno ainda mais acirrado.

Os receios presentes desde já quanto à reação do presidente a uma eventual derrota se acentuam. Em uma ou outra hipótese, a torcida é, antes de tudo, por um desfecho sem maiores traumas para o processo democrático.

Até pelas analogias explícitas com a disputa pela Casa Branca, em 2020, e a contestação do resultado por parte de Donald Trump, parceiros do Brasil, vizinhos e aliados de ambos os campos políticos suspendem o fôlego nas próximas duas semanas.

Não desiste

A definição por Lula ou Bolsonaro tem especial interesse para Joe Biden, solenemente esnobado pelo colega brasileiro quando se impôs a Trump. Desde que tomou posse, em janeiro de 2021, o presidente dos EUA restringiu as relações de governo a governo ao nível prescrito no desenho de Mogli: somente o necessário.

Enquanto torce — discretamente — pela derrota do desafeto, Biden se vê às voltas com o espectro do antecessor. Em novembro, os eleitores americanos renovarão a Câmara dos Deputados e parte do Senado. O presidente tem a popularidade em baixa e pode ver o Partido Democrata em minoria na segunda metade do mandato.

Pior para ele, as primárias da oposição republicana, recém-encerradas, favoreceram os candidatos apoiados por Trump — que não esconde o apetite por buscar ir à forra com Biden daqui a dois anos.

Gangorra política

Na vizinhança mais próxima, o desfecho da corrida pelo Planalto terá influência decisiva nas oscilações da gangorra política. Nos últimos dois anos, depois de um intervalo em que a direita dominou a cena, a América do Sul ensaia um novo ciclo com a balança

pendente para a esquerda, tendência que se fortalecerá com a volta de Lula — um dos protagonistas da safra que teve Hugo Chávez, na Venezuela, e Evo Morales, na Bolívia.

Mas nada é tão estável e seguro quanto os resultados eleitorais podem sugerir, como demonstra o Chile. Meses depois de assistirem à posse do jovem presidente Gabriel Boric, à frente de uma coalizão que inclui com destaque o Partido Comunista, os eleitores derrotaram em plebiscito a Constituição aprovada por uma assembleia de clara maioria esquerdista.

Uma margem da ordem de 60% a 40% colocou o país novamente sob a égide da Carta legada pela ditadura do general Augusto Pinochet (1973-1990).

Quem tem, põe...

Algo mais confortável nos últimos tempos, ao fim de um período de intensa pressão dos governos vizinhos, o regime bolivariano da Venezuela manobra para aproveitar uma circunstância tão favorável quanto inesperada. A guerra na Ucrânia e as

sancões dos EUA e aliados contra a Rússia de Vladimir Putin — parceiro do regime bolivariano desde o tempo de Chávez — abriram portas e mercados para o gás venezuelano.

Diante da urgência da Europa para substituir o suprimento russo, com o inverno apitando na curva, o sucessor de Chávez, Nicolás Maduro, foi a público reafirmar que o país está pronto para garantir o aquecimento na casa dos cidadãos do Velho Mundo.

... quem não tem, tira

A oferta de Maduro coincide com as medidas de contenção adotadas pela União Europeia para fazer frente à demanda em alta nos próximos meses. A presidente da Comissão Europeia, braço executivo da UE, Ursula von der Leyen, propôs nesta semana ao Parlamento do bloco que os governos nacionais imponham corte de 5% no consumo de gás nas horas de pico.

Além de garantir que não falte gás nas casas e na indústria, o objetivo é conter a disparada nos preços da commodity no mercado europeu.